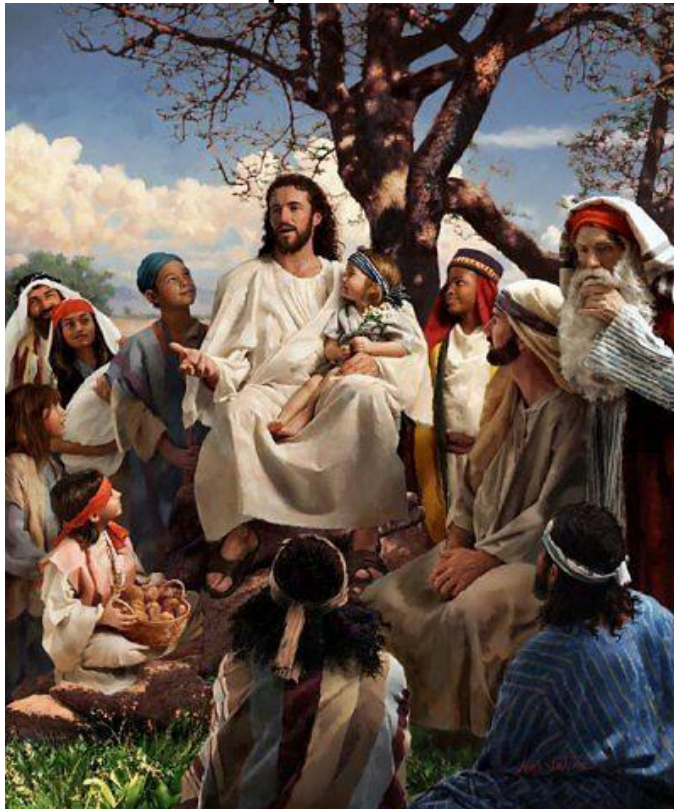


Domingo XXVII do Tempo Comum - Ano B – 06.10.2024



Viver a Palavra

Um grupo de fariseus aproxima-se de Jesus e dirigem-se a Ele com a intenção de O colocar à prova. No Evangelho são muitos os que se abeiram de Jesus e são tão variadas as motivações que os colocam a caminho. Dois mil anos depois, também nós integramos a multidão imensa de homens e mulheres que percorrem os trilhos da história e sentem a necessidade de se encaminharem para Jesus. Mas quais são as motivações que invadem o nosso coração? Não basta ir ao encontro de Jesus para O encontrar! É necessário criar a docilidade e a disponibilidade para fazer do encontro com Ele um lugar decisivo de transformação e de conversão. O Evangelho do Amor e da Alegria é uma proposta que reclama uma adesão livre para inscrever a nossa vida no horizonte de liberdade e de graça que o Ressuscitado na força do Espírito nos oferece.

Os fariseus trazem a Jesus uma questão muito concreta e para a qual conheciam bem a resposta. Qualquer fariseu, conhecedor da Lei de Moisés, sabia que era lícito «*um homem repudiar a sua mulher*», passando-lhe um certificado de divórcio. Contudo, esta permissão, segundo Jesus, é apenas sinal da dureza de coração e insere-se na longa e paciente pedagogia de Deus. A doença que Jesus mais teme é esta dureza de coração e, por isso, afirma algo de absolutamente desconcertante: nem toda a lei é divina, nem sempre é um reflexo da vontade de Deus e, por vezes, é mesmo o reflexo da dureza do nosso coração e da intransigência dos nossos esquemas e preconceitos.

O ponto de partida da reflexão cristã não é uma moral ou uma doutrina, mas o encontro único, íntimo e decisivo com Jesus Cristo. A iniciativa é sempre de Deus e do Seu amor superabundante. A fé não nasce do «*pode ou não pode*», do «*lícito ou ilícito*», mas do amor misericordioso de Deus que nos faz redescobrir a nossa verdadeira identidade e missão. Aqui não reside nenhum laxismo ou relativismo, mas a certeza de que o ponto de partida é a iniciativa amorosa de Deus que reclama a nossa adesão livre e este encontro transformador rasga horizontes novos que nos impelem a percorrer com ousadia e coragem a estrada inaudita da conversão.

Jesus recorda que a nossa vida se inscreve no sonho primordial e original de Deus que nos criou à Sua imagem e semelhança na complementaridade e alteridade que cria harmonia e gera comunhão. Por isso, o problema não é a licitude ou ilicitude do repúdio, mas o convite a manter vivo o sonho primordial e original. Jesus reafirma o projeto do Criador e recorda a missão de cuidar do mundo fazendo dele um lugar de unidade.

Jesus vai ainda mais longe e declara a igualdade entre homem e mulher no compromisso de uma construção conjunta na busca da realização e felicidade, na fidelidade ao projeto criador: «*quem repudiar a sua mulher e casar com outra, comete adultério contra a primeira. E se a mulher repudiar o seu marido e casar com outro, comete adultério*». O caminho é exigente, mas é possível. É uma proposta de realização e felicidade que não consente exclusão ou discriminação, mas reclama acolhimento e integração.

Acolhendo as crianças que os discípulos teimavam em afastar, Jesus recorda que o acolhimento é marca fundamental daqueles que O querem seguir. A Igreja do século XXI, a Igreja sinodal da escuta e da comunhão, só poderá realizar a sua missão como mãe acolhedora que, antes de qualquer distinção ou imposição, abre os

braços da sua misericórdia e recorda que com um coração de criança acolhemos o Reino novo que Jesus veio inaugurar porque somos capazes de abrir o coração à vida nova que Deus faz despontar diante de nós. *in Voz Portucalense*.

+++++

A Liturgia da Palavra convida a refletir sobre o matrimónio e a família como projeto do Criador elevado por Jesus à dignidade de sacramento. Neste contexto poderá ser importante apresentar a beleza e a alegria do amor que se vive nas famílias e a tarefa exigente de viver a vocação matrimonial como serviço à Igreja e ao mundo. Tendo em conta as situações de fragilidade da vida matrimonial e familiar, será importante uma palavra de acolhimento à luz das indicações oferecidas pela *Amoris Laetitia* que convidam a acompanhar, discernir e acompanhar as situações de fragilidade. *in Voz Portucalense*

+++++

Continuamos no ciclo - Ano B - do Ano Litúrgico. Durante todo este ano litúrgico – 2023/2024 -, acompanhamos o evangelista S. Marcos em grande parte das proclamações do Evangelho. Deste modo, como preparação, poderá ser oportuna uma proposta de formação para todos os fiéis acerca do Evangelho de S. Marcos.

E faremos isso....

Em anexo à Liturgia da Palavra ficará disponível um texto sobre o evangelista Marcos. Também poderão melhorar os conhecimentos bíblicos – do Novo Testamento, mas também do Antigo Testamento – em <https://paroquiavilarandorinho.pt/fbiblica/>. Proporciona-se a todos os fiéis, um maior conhecimento deste precioso tesouro que é a Sagrada Escritura.

LEITURA I – Génesis 2,18-24

Disse o Senhor Deus:

«Não é bom que o homem esteja só:
vou dar-lhe uma auxiliar semelhante a ele».

Então o Senhor Deus, depois de ter formado da terra
todos os animais do campo e todas as aves do céu,
conduziu-os até junto do homem,
para ver como ele os chamaria,
a fim de que todos os seres vivos fossem conhecidos
pelo nome que o homem lhes desse.

O homem chamou pelos seus nomes
todos os animais domésticos, todas as aves do céu
e todos os animais do campo.

Mas não encontrou uma auxiliar semelhante a ele.

Então o Senhor Deus fez descer sobre o homem
um sono profundo

e, enquanto ele dormia, tirou-lhe uma costela,
fazendo crescer a carne em seu lugar.

Da costela do homem o Senhor Deus formou a mulher
e apresentou-a ao homem.

Ao vê-la, o homem exclamou:

«Esta é realmente osso dos meus ossos e a minha carne.

Chamar-se-á mulher, porque foi tirada do homem».

Por isso, o homem deixará pai e mãe,

para se unir à sua esposa,

e os dois serão uma só carne.

CONTEXTO

O texto de Gn 2,4b-3,24 – conhecido como relato “javista” da criação – é um texto do séc. X a.C., que deve ter aparecido em Judá na época do rei Salomão. Apresenta-se num estilo exuberante, pitoresco, cheio de vida e parece ser obra de um catequista popular, que ensina recorrendo a imagens sugestivas, coloridas e fortes. Não podemos, de forma nenhuma, ver neste texto uma reportagem realista de acontecimentos passados na aurora da humanidade. A finalidade do autor não é científica ou histórica, mas teológica: mais do que ensinar como o mundo e o homem apareceram, ele quer dizer-nos que na origem da vida e do homem está Javé. Trata-se, portanto, de uma página de catequese e não de um tratado destinado a explicar cientificamente as origens do mundo e da vida.

Para apresentar essa catequese aos homens do séc. X a.C., os teólogos javistas utilizaram elementos simbólicos e literários das cosmogonias mesopotâmicas (por exemplo, a formação do homem “do pó da terra” é um elemento que aparece sempre nos mitos de origem mesopotâmicos); no entanto, transformaram e adaptaram os símbolos retirados das narrações lendárias de outros povos, dando-lhes um novo enquadramento, uma nova interpretação e pondo-os ao serviço da catequese e da fé de Israel. Por outras palavras: a linguagem e a

apresentação literária das narrações bíblicas da criação apresentam paralelos significativos com os mitos de origem dos povos da zona do Crescente Fértil; mas as conclusões teológicas – sobretudo o ensinamento sobre Deus e sobre o lugar que o homem ocupa no projeto de Deus – são significativamente diferentes: mais maduras, mais ponderadas, mais profundas, mais consistentes.

O texto que nos é hoje proposto como primeira leitura situa-nos no “jardim do Éden”, um espaço ideal onde, segundo o autor javista, Deus colocou o homem que tinha criado. De acordo com o relato, esse “jardim do Éden” é um lugar de água abundante e com muitas árvores (para quem sentia pesar sobre si a ameaça do deserto árido, a ideia de felicidade seria um lugar com muita água, um clima de frescura, um ambiente de árvores e de verdura abundante). O homem tinha, então, tudo para ser feliz? Ainda não. Na perspectiva do catequista javista, o homem não estava plenamente realizado, pois faltava-lhe alguém com quem compartilhar a vida e a felicidade. O homem não foi criado para viver sozinho, mas para viver em relação. É esse problema que Deus, com solicitude e amor, vai resolver. *in Dehonianos*

INTERPELAÇÕES

- “Não é bom que o homem esteja só”. Estas palavras, postas pelo autor javista na boca de Deus, sugerem que a realização plena do homem acontece na relação e não na solidão. O ser humano que vive fechado em si próprio, que escolhe percorrer caminhos de egoísmo e de autossuficiência, que recusa o diálogo e a comunhão com aqueles que caminham a seu lado, que tem o coração fechado ao amor e à partilha, é alguém profundamente infeliz, que nunca conhecerá a felicidade plena. Por vezes a preocupação com o dinheiro, com a realização profissional, com o estatuto social, com a busca do êxito, com a procura de uma liberdade sem compromisso, levam os homens a prescindir do amor, a secundarizar a família, a não ter tempo para os amigos... E um dia, depois de terem acumulado muito dinheiro ou de terem colocado o mundo a seus pés, constataam que estão sozinhos e que a sua vida é estéril e vazia. A Palavra de Deus que nos é hoje proposta deixa um aviso claro: a vocação do homem é o amor; a solidão egoísta, mesmo quando compensada pela abundância de bens materiais, não ajuda a que o homem se sinta plenamente realizado. Estamos conscientes disso? As nossas opções fundamentais privilegiam caminhos de egoísmo e autossuficiência, ou caminhos de amor e de comunhão?
- Por vezes certas filosofias, tingidas de um verniz pretensamente religioso, desvalorizam o amor humano, consideram o casamento como um estado menos perfeito de realização da vocação cristã e veem na sexualidade algo de indecoroso ou até mesmo pecaminoso. Não é esta, de todo, a perspectiva que a Palavra de Deus nos apresenta... Na bela catequese que a primeira leitura deste vigésimo sétimo domingo comum nos apresenta, o amor aparece como algo que está, desde sempre, inscrito no projeto de Deus e que é querido por Deus. Deus criou o homem e a mulher para se ajudarem mutuamente e para partilharem, no amor, as suas vidas. Estamos conscientes de que o amor vem de Deus e está inscrito no plano que Deus tem para cada um de nós? Que responsabilidades é que isso nos traz?
- O plano de Deus para o homem e para a mulher concretiza-se quando os dois, ligados pelo amor que sentem um pelo outro, se comprometem diante de Deus, da sociedade e da comunidade cristã, a partilhar a vida e o amor, na entrega total um ao outro, na comunhão total de vidas. Esta comunidade de amor, plenamente assumida e sinceramente vivida, sinaliza e testemunha no mundo a ternura, o carinho, a misericórdia que Deus sente pelos seus queridos filhos e filhas. Como é que vamos construindo, todos os dias, a comunidade de amor a que nos chama a vocação matrimonial? No respeito, na ajuda mútua, no dom de nós próprios àqueles que amamos, no amor fiel e dedicado, no apoio firme à pessoa com quem nos comprometemos a partilhar a vida e o amor? E o nosso compromisso com a pessoa que elegemos para viver a aventura do amor e da partilha de vida é total e sem reservas – na saúde e na doença, nos momentos de alegria e nos momentos de tristeza, na juventude e na velhice, por toda a vida?
- Homem e mulher aparecem, no relato javista da criação, como seres dotados de igual dignidade. São “da mesma carne”, em igualdade de ser. Ora isto exclui, naturalmente, qualquer preponderância ou superioridade de um em relação ao outro. Assim, qualquer relação que implique dominação, discriminação, escravidão, prepotência, uso egoísta do outro, atenta gravemente contra o projeto de Deus. Como tratamos as pessoas que amamos? Respeitando absolutamente a sua dignidade, ou tratando-as com sobrançeria, com prepotência, com arrogância, com pouca consideração? Como vemos o papel da mulher na família e na sociedade, à luz do projeto de Deus enunciado na catequese do livro do Génesis que hoje nos foi proposta? *in Dehonianos*.

SALMO RESPONSORIAL – Salmo 127 (128)

Refrão: O Senhor nos abençoe em toda a nossa vida.

**Feliz de ti que temes o Senhor
e andas nos seus caminhos.**

**Comerás do trabalho das tuas mãos,
serás feliz e tudo te correrá bem.
Tua esposa será como videira fecunda
no íntimo do teu lar;
teus filhos como ramos de oliveira,
ao redor da tua mesa.**

Assim será abençoado o homem que teme o Senhor.

De Sião o Senhor te abençoe:

**vejas a prosperidade de Jerusalém todos os dias da tua vida;
e possas ver os filhos dos teus filhos. Paz a Israel.**

LEITURA II – Hebreus 2,9-11

Irmãos:

**Jesus, que, por um pouco, foi inferior aos Anjos,
vemo-l'O agora coroado de glória e de honra
por causa da morte que sofreu,
pois era necessário que, pela graça de Deus,
experimentasse a morte em proveito de todos.**

**Convinha, na verdade, que Deus,
origem e fim de todas as coisas,
querendo conduzir muitos filhos para a sua glória,
levasse à glória perfeita, pelo sofrimento,
o Autor da salvação.**

**Pois Aquele que santifica e os que são santificados
procedam todos de um só.**

Por isso não Se envergonha de lhes chamar irmãos.

CONTEXTO

O escrito a que chamamos “Carta aos Hebreus” parece ser, mais do que uma carta, um sermão ou discurso destinado a ser proclamado oralmente. Não sabemos quem foi o seu autor. A tradição das Igrejas do oriente atribui-o a Paulo; mas as Igrejas do ocidente há muito que descartaram a autoria paulina deste documento: a forma literária, a linguagem, o estilo, a maneira de citar o Antigo Testamento e mesmo a doutrina exposta estão bastante longe de qualquer outro escrito paulino. Pensa-se que teria sido elaborado por um cristão anónimo – talvez um discípulo de Paulo – que, no entanto, conhecia muito bem o Antigo Testamento.

A tradição antiga põe os “hebreus” como destinatários deste escrito; porém, não há qualquer indicação, ao longo do escrito, de que o texto se destinasse especificamente a cristãos oriundos do mundo judaico. É verdade que refere constantemente o Antigo Testamento; mas o Antigo Testamento já era, por essa altura, património comum de todos os cristãos, seja os de origem judaica, seja os de origem pagã. Tratava-se, em qualquer caso, de comunidades cristãs em situação difícil, expostas a perseguições e que viviam num ambiente hostil à fé... Os membros dessas comunidades perderam já o fervor inicial pelo Evangelho, deixaram-se contaminar pelo desânimo e começam a ceder à sedução de certas doutrinas não muito coerentes com a fé recebida dos apóstolos... O objetivo do autor deste “discurso” é estimular a vivência do compromisso cristão e levar os crentes a crescer na fé. Teria sido elaborado nos anos que antecederam a destruição da cidade de Jerusalém (que ocorreu no ano 70), uma vez que o autor se refere à liturgia do Templo como uma realidade ainda atual. É provável, portanto, que tenha aparecido por volta do ano 67, muito perto da altura em que Paulo e Pedro foram martirizados em Roma.

A Carta aos Hebreus apresenta – recorrendo à linguagem da teologia judaica – o mistério de Cristo, o sacerdote por excelência – através de quem os homens têm acesso livre a Deus e são inseridos na comunhão real e definitiva com Deus. O autor aproveita, na sequência, para refletir nas implicações desse facto: postos em relação com o Pai por Cristo/sacerdote, os crentes são inseridos nesse Povo sacerdotal que é a comunidade cristã e devem fazer da sua vida um contínuo sacrifício de louvor, de entrega e de amor. Desta forma, o autor oferece aos cristãos um aprofundamento e uma ampliação da fé primitiva, capaz de revitalizar a sua experiência de fé, enfraquecida pela acomodação e pela perseguição.

O texto que nos é proposto como primeira leitura neste vigésimo sétimo domingo comum está incluído na primeira parte da Carta (cf. Heb 1,5-2,18). Aí, o autor recolhe e repete aquilo que a catequese primitiva afirmava sobre o mistério de Cristo: Ele incarnou e fez-se irmão dos homens, experimentou mesmo o sofrimento e a morte, mas foi ressuscitado e glorificado por Deus. Apesar dessa experiência de “abaixamento” que fez, Ele é superior a todas as criaturas, nomeadamente em relação aos anjos. *in Dehonianos*

INTERPELAÇÕES

- A história da salvação – essa história que a liturgia nos recorda e nos convida a celebrar em cada domingo – é uma história espantosa. É a história de um Deus que olha para nós com amor infinito e que, por amor, nos enviou o seu Filho Jesus. Para esse Deus com o coração de Pai e de mãe, a

nossa salvação, a nossa felicidade plena é muito mais importante do que a incompreensão dos homens, do que a recusa teimosa dos homens, até mesmo do que o horrível sofrimento que a cruz comporta. A paciência que Deus tem demonstrado connosco só tem sido ultrapassada pela grandeza do seu amor. Como é que vemos isto? Sentimo-nos realmente tocados e desafiados pela grandeza do amor de Deus? A consciência do amor que Deus nos tem tem-se traduzido, da nossa parte, em reconhecimento, gratidão e louvor?

- Desde o início do seu caminho histórico os homens e as mulheres negligenciaram as propostas de Deus e preferiram trilhar caminhos de egoísmo e de autossuficiência. Sabemos onde é que isso nos tem conduzido: a guerras, violências, injustiças, ambição, corrupção, que deixam no nosso mundo um longo rasto de sofrimento e de morte. Por vezes até nos atrevemos, na nossa insensatez e arrogância, a questionar Deus e a perguntar-lhe porquê todo esse sofrimento, como se Ele fosse o culpado das nossas escolhas erradas... Estamos conscientes de que uma fatia muito significativa dos males que nos ferem resultam das nossas opções egoístas? O que necessitaríamos de mudar, na nossa forma de viver, para construirmos um mundo mais pacífico, mais justo e mais humano?
- Cristo vestiu a nossa humanidade, veio ao nosso encontro, experimentou a nossa fragilidade, acompanhou-nos nos caminhos da vida, falou-nos na nossa linguagem humana, mostrou-nos em gestos como é que devemos viver para correspondermos ao projeto de Deus para o homem e para encontrarmos Vida verdadeira. Tornou-se um “guia” próximo, interessado, digno de crédito, com quem nos identificamos, que temos vontade de escutar e de seguir, mesmo quando Ele nos aponta caminho difíceis de cruz e de dom da vida. Jesus é a nossa referência? Procuramos segui-l’O sem hesitações, mesmo quando Ele nos propõe caminhos contra a corrente? Confiamos n’Ele incondicionalmente? *in Dehonianos.*

EVANGELHO – Marcos 10,2-16

Naquele tempo,

Aproximaram-se de Jesus uns fariseus para O porem à prova e perguntaram-Lhe:

«Pode um homem repudiar a sua mulher?»

Jesus disse-lhes:

«Que vos ordenou Moisés?»

Eles responderam:

«Moisés permitiu que se passasse um certificado de divórcio, para se repudiar a mulher».

Jesus disse-lhes:

«Foi por causa da dureza do vosso coração que ele vos deixou essa lei.

Mas, no princípio da criação, ‘Deus fê-los homem e mulher.

Por isso, o homem deixará pai e mãe para se unir à sua esposa, e os dois serão uma só carne’.

Deste modo, já não são dois, mas uma só carne.

Portanto, não separe o homem o que Deus uniu».

Em casa, os discípulos interrogaram-n’O de novo sobre este assunto.

Jesus disse-lhes então:

«Quem repudiar a sua mulher e casar com outra, comete adultério contra a primeira.

E se a mulher repudiar o seu marido e casar com outro, comete adultério».

Apresentaram a Jesus umas crianças

para que Ele lhes tocasse,

mas os discípulos afastavam-nas.

Jesus, ao ver isto, indignou-Se e disse-lhes:

«Deixai vir a Mim as criancinhas, não as estorveis: dos que são como elas é o reino de Deus.

Em verdade vos digo:

Quem não acolher o reino de Deus como uma criança, não entrará nele».

E, abraçando-as, começou a abençoá-las, impondo a mão sobre elas.

CONTEXTO

Despedindo-se da Galileia, Jesus começa a caminhar para Jerusalém, ao encontro do seu destino final. Não seguiu pelo “caminho da montanha”, que passava pelo centro do país e atravessava a Samaria, mas sim pelo caminho que desce ao longo do rio Jordão e que era o caminho habitualmente tomado pelos peregrinos que vinham da Galileia para Jerusalém.

O episódio que o Evangelho deste domingo nos apresenta é colocado por Marcos “na região da Judeia, para além do Jordão” (vers. 1) – isto é, no território transjordânico da Pereia, governado por Herodes Antipas. Este Herodes Antipas, então tetrarca da Galileia e da Pereia, tinha pouco antes mandado executar João Batista, que criticara o tetrarca por este se ter divorciado da esposa legítima para viver maritalmente com Herodíade, sua cunhada (cf. Mc 6,17-29).

No caminho para Jerusalém, Jesus volta a encontrar as multidões e a dirigir-lhes os seus ensinamentos. Os discípulos caminham atrás de Jesus. Mas também aqui, como tinha acontecido na Galileia, voltam a aparecer os fariseus para confrontar Jesus. Desta vez – diz-nos Marcos – trazem-Lhe uma questão relativa ao divórcio: “pode um homem repudiar a sua mulher?”. Marcos esclarece que a razão da pergunta é pôr Jesus à prova.

A questão, formulada nestes exatos termos, não era especialmente controversa. A Lei de Israel permitia que o homem tomasse a iniciativa de despedir a sua mulher, pondo assim fim à relação (“quando um homem tomar uma mulher e a desposar, se depois ela deixar de lhe agradar, por ter descoberto nela algo de inconveniente, escrever-lhe-á um documento de divórcio, entregar-lho-á em mão e despedi-la-á de sua casa” – Dt 24,1). O que se discutia, no entanto, era sobre as razões que poderiam fundamentar a rejeição da mulher por parte do marido. Entre os judeus, duas grandes escolas teológicas divergiam profundamente na interpretação da Lei do divórcio. A escola de Shammai, mais rigorista, defendia que só uma razão muito grave (o adultério ou a má conduta da mulher) dava ao marido o direito de repudiar a sua esposa; mas a escola de Hillel, dominante na época de Jesus, ensinava que qualquer motivo, mesmo o mais fútil (porque a esposa cozinhava mal ou porque, por qualquer razão, tinha deixado de agradar ao marido), servia para o homem despedir a mulher. A mulher, por sua vez, muito dificilmente era autorizada a obter o divórcio em tribunal (somente no caso de o marido estar afetado pela lepra ou exercer um ofício repugnante).

Portanto, a lei judaica do divórcio era altamente discriminatória. O homem podia facilmente obter o divórcio e casar com outra mulher; mas a mulher praticamente não podia tomar a iniciativa de se divorciar do seu marido. Além disso, a mulher divorciada ficava frequentemente numa situação social intolerável: sem meios de subsistência, sem ninguém que a defendesse, se não fosse acolhida na casa do pai ou de um irmão, ficava condenada a pedir esmola ou a prostituir-se.

Os fariseus já tinham percebido que Jesus não alinhava na discriminação da mulher. Jesus defendia as mulheres, respeitava-as, tratava-as com dignidade... Aliás, contradizendo tudo o que era habitual, tinha até acolhido algumas mulheres entre os seus discípulos. Como é que Ele via a lei do divórcio, uma lei que agradava aos homens, mas que provocava tanto sofrimento entre as mulheres judaicas? *in Dehonianos*

INTERPELAÇÕES

- Como é que Jesus entende o amor humano? Como é que Ele encara o amor que une um homem e uma mulher? A opinião de Jesus sobre o amor humano está profundamente vinculada com o projeto que o Deus criador tinha para o homem e para a mulher. Ora, Deus criou o homem e a mulher iguais em dignidade e quis que eles caminhassem de mãos dadas ao encontro da felicidade. Por isso, convidou-os a amarem-se, a partilharem a vida, a serem apoio um do outro, a completarem-se um ao outro, a viverem um para o outro; pediu-lhes que esse amor se expressasse em doação, em partilha de vida, em entrega um ao outro, em respeito um pelo outro, em fidelidade mútua; assegurou-lhes que o caminho do amor, vivido dessa forma, lhes traria uma felicidade sem fim. Na perspetiva do Deus criador, um amor vivido assim não é um amor “descartável” e com prazo de validade, mas é um amor que tem a marca da eternidade. Como avaliamos um projeto de amor que tem este horizonte? É possível um amor assim?
- Naturalmente, no projeto de Deus para o homem e para a mulher não cabe o egocentrismo, a arrogância, a prepotência, a submissão que escraviza, o domínio de um sobre o outro, o desrespeito pela dignidade do outro, o tratamento do outro como simples objeto descartável, o aviltamento do outro, a tentativa de controlar a liberdade do outro, o pensamento do outro, os valores do outro. Como é que nos relacionamos com a pessoa com quem um dia nos comprometemos, diante de Deus, da Igreja e da sociedade, a partilhar um projeto de amor? A relação que mantemos com a pessoa que amamos é comandada pelo nosso egoísmo ou pelo respeito que o outro nos merece?
- As telenovelas fúteis, os influenciadores que ditam os valores da moda, os lobbies ao serviço de interesses diversos, têm procurado convencer-nos de que o fracasso do amor é uma realidade normal, banal, que pode acontecer a qualquer instante. Para os casais cristãos – os casais que se disponibilizaram para seguir Jesus e para viver na dinâmica do Reino de Deus – o fracasso do amor não é uma normalidade, mas uma situação extrema, uma realidade excecional. Para os casais cristãos, o divórcio não deve ser um remédio simples e sempre à mão para resolver as pequenas dificuldades que a vida todos os dias apresenta. Marido e esposa têm que esforçar-se por realizar a

sua vocação de amor, apesar das dificuldades, das crises, das divergências e dos problemas que, dia a dia, a vida lhes vai colocando. Como é que vemos tudo isto? Como nos posicionamos em relação a tudo isto?

- Apesar de tudo, a vida dos homens e das mulheres é marcada pela debilidade própria da condição humana. Nem sempre as pessoas, apesar do seu esforço e da sua boa vontade, conseguem ser fiéis aos ideais que Deus propõe. A vida de todos nós está cheia de fracassos, de infidelidades, de falhas; mas Deus não desiste, apesar disso, de nos tratar como filhos muito queridos. Chamada a ser sinal e testemunha da misericórdia de Deus no mundo, a comunidade cristã deve usar de compreensão para com aqueles que falharam (muitas vezes sem culpa) na vivência do seu projeto de amor. Em nenhuma circunstância as pessoas divorciadas devem ser marginalizadas ou afastadas da vida da comunidade cristã. A comunidade deve, em todos os instantes, acolher, integrar, compreender, ajudar aqueles a quem as circunstâncias da vida impediram de viver o tal projeto ideal de Deus. Não se trata de renunciar ao “ideal” que Deus propõe; trata-se de testemunhar a bondade e a misericórdia de Deus para com aqueles que, por diversas razões, não puderam realizar esse ideal que um dia, diante de Deus e da comunidade, se comprometeram a viver. Como é que a nossa comunidade cristã acolhe aqueles que viram falhar o seu projeto de amor?
- Os discípulos de Jesus, conscientes do seu papel e da sua importância, julgaram-se no direito de limitar o acesso de determinadas pessoas a Jesus. Para eles, a comunidade do Reino era um clube de gente importante, onde os pequeninos não tinham lugar... Mas Jesus troca-lhes as voltas: ao acolher com amor e ternura as crianças que lhe trouxeram, Jesus está a dizer aos discípulos que no centro da sua comunidade devem estar sempre os mais pequenos, os mais frágeis, os mais débeis, aqueles que são desprezados e ignorados pela gente importante do mundo. Esses, segundo Jesus, são os preferidos de Deus, aqueles que têm um lugar especial no coração de Deus. Como é que são acolhidas e tratadas entre nós as pessoas mais humildes, as mais frágeis, as mais pobres, as que a sociedade ignora, rejeita ou até mesmo condena? *in Dehonianos*

Para os leitores:

Na **primeira leitura** deve haver especial atenção nas duas frases em discurso direto e na proclamação dos verbos que as introduzem. O leitor deve estar atento à respiração e às pausas nas frases e orações curtas, para uma leitura articulada e fluente do texto.

Na **segunda leitura**, as frases longas com diferentes orações exigem não só o respeito pela pontuação, como uma preparação acurada das pausas e respirações de acordo com o conteúdo e mensagem do texto.

I Leitura: (ver anexo)

II Leitura: (ver anexo)

Para acompanhar a Liturgia da Palavra / a Mesa da Palavra.

A DOENÇA DO CORAÇÃO DE PEDRA (sklêrokardía)

Além dos quatro episódios que decorrem fora das fronteiras de Israel (três na Decápole, a oriente do Mar da Galileia, e um na região de Tiro, a noroeste de Israel) (ver Domingo XXIII), a ação de Jesus decorre quase toda na Galileia (Marcos 1-9) e em Jerusalém (Marcos 11-16), tendo pelo meio a viagem da Galileia para Jerusalém (Marcos 10): em Marcos 10,1, Jesus sai de Cafarnaum, onde esteve em Marcos 9,33-50; em Marcos 10,46, chega a Jericó; em Marcos 11,1, está nas imediações de Jerusalém. **Serve este levantamento topográfico para situar o episódio do Evangelho deste Domingo XXVII (Marcos 10,2-16)** após a saída de Cafarnaum, a caminho da Judeia e de Jerusalém, viagem feita, não pela Samaria, mas descendo pela margem oriental do Jordão, talvez na Pereia, onde a comunidade judaica era considerável (Marcos 10,1a). O narrador ainda nos informa que as multidões (*óchloi*), única vez no plural em Marcos, vieram ter com Ele, que, como de costume (*hôs eiôthei*), expressão só aqui usada em Marcos, os ensinava (Marcos 10,1b).

É também aqui que os fariseus, mais uma vez «para pôr Jesus à prova» (*peirázô*) (cf. 8,11; 12,15), lhe perguntam «se é lícito (*éxestin*) ao homem repudiar (*apolyô*) a sua mulher» (Marcos 10,2). A pergunta é uma armadilha, por mais de uma razão. Primeiro, porque este modo de fazer era já usual entre os judeus. Se Jesus desse uma resposta negativa, corria o risco de provocar um alvoroço entre os homens que o ouviam. Segundo, porque podia acentuar o conflito com Herodes Antipas, que já tinha feito prender João Batista, por este ter protestado contra a sua relação irregular com Herodíades (Marcos 6,18). Terceiro, porque se desse uma resposta positiva, corria o risco de entrar numa discussão académica interminável e inútil, pois eram conhecidas interpretações diversas, entre o rigorismo e o laxismo. Por exemplo, a escola rigorista de Shammai era de opinião que a separação só devia ser permitida em caso de adultério, enquanto a escola liberal de Hillel achava que a separação era permitida por tudo e por nada.

Portanto, Jesus não se deixa apanhar na armadilha, e pergunta por sua vez aos fariseus: «O que é que vos ordenou (*entéllomai*) Moisés?» (Marcos 10,3). Eles tiveram de responder: «Moisés permitiu (*epitrépō*) escrever uma ata de divórcio e repudiar» (Marcos 10,4). Os fariseus estão a citar o Livro do Deuterónimo 24,1, e vê-se que interpretavam esta prescrição de Moisés como permissão do divórcio. De onde se deduzia que os homens (só os homens) têm o direito de repudiar as suas mulheres, direito a que as mulheres não tinham direito,

pois não podiam separar-se dos seus maridos. Ouvida esta resposta, Jesus entra então na argumentação a sério, referindo que Moisés não permitiu o divórcio, mas apenas quis pôr ordem e humanidade numa situação que os homens tinham criado, e que gerava muitas complicações. Na verdade, a mulher repudiada, se o divórcio não fosse devidamente documentado, continuava ligada ao seu anterior marido, e não ficava livre para se voltar a casar; podia ser vista como uma mulher casada em fuga, e, caso se viesse a ligar a outro homem, podia ser acusada de adultério e ser condenada à morte por lapidação (cf. Deuteronomio 22,22).

Tirado isto a limpo, Jesus declara então que esta prescrição de Moisés não se destina a permitir o divórcio, mas a pôr os necessários limites à «dureza do coração» ou «esclerose do coração», a famosa *sklêrokardía* dos homens, a verdadeira responsável pelo divórcio (Marcos 10,5). Esclarecido então o alcance da prescrição de Moisés, meramente corretiva de uma situação que a «esclerose do coração» dos homens criou, e que, lendo bem o Livro do Deuteronomio 10,12-22, significa o fechamento do homem a Deus, à sua bondade, à sua grandeza e à sua vontade (ver a expressão em Deuteronomio 10,16 e Jeremias 4,4), Jesus passa logo a expor (Marcos 10,6-8) a vontade de Deus sobre o casal humano, como se pode ver lendo os relatos da criação: «Deus os fez homem e mulher» (Génesis 1,27); «o homem deixará o seu pai e a sua mãe e se unirá à sua mulher, e os dois serão uma só carne» (Génesis 2,24). E conclui: «Não separe o homem o que Deus uniu» (Marcos 10,9).

Depois, em casa (Marcos 10,10), lugar da intimidade, Jesus explica aos seus discípulos que tanto incorre em adultério o homem como a mulher que abandonam os respetivos cônjuges e casam com outros (Marcos 10,11-12). Com este dizer, alargado à mulher, Jesus estende o bisturi também à nossa *sklêrokardía*. De facto, aos fariseus Jesus apenas falou do homem que repudia a sua mulher e casa com outra, porque, em mundo judaico, não era permitido à mulher repudiar o marido, para casar com outro. Era, porém, permitido em mundo grego. E é sabido que os destinatários diretos do Evangelho de Marcos vivem no mundo greco-romano.

E Jesus mostra de novo aos seus discípulos que é necessário romper a crosta da nossa importância, que nos separa de Deus e dos pequeninos (Marcos 10,13-16). Também aqui se trata de *sklêrokardía*. Em boa verdade, envoltos na crosta da nossa importância, já não sabemos receber. E o reino de Deus não é para comprar ou conquistar, mas unicamente para receber. Daí a importância das crianças para Jesus. Não é a sua inocência e candura que aqui é salientada, mas o facto de serem dependentes e confiantes.

Aí está, então, o chão do Evangelho de hoje, a vontade de Deus expressa na Criação, a que Jesus faz referência (Génesis 2,18-24). A extraordinária narrativa abre com a constatação enfática por parte de Deus de um problema gravíssimo que pode acarretar a morte do homem. Este problema chama-se «solidão». Deus é levado a afirmar: «Não é, de facto, bom (*lo'-tôb*) que o HOMEM (*ha'adam*) esteja só (*l'badô*)» (Génesis 2,18a). Note-se que este enfático «não-bom» colide com o «sete vezes bom» e o «SIM» que enchia Génesis 1,1-2,4a, ao todo 452 palavras em que não soa um único «não», e o «bom» se faz ouvir por sete vezes.

Tendo constatado o o grave perigo que ameaça o homem, Deus trata logo de remediar a situação, propondo-se «fazer (*'asah*) um auxílio (*'ezer*) a ele correspondente (*k'negdô*)» (Génesis 2,18b). Note-se outra vez o uso do masculino *'ezer*, e não do feminino *'ezrah*. Neste contexto, em que *'ezer* designará a mulher, mas não só, o uso do masculino é fruto com certeza de uma escolha premeditada, sendo, por isso, de lhe atribuir especial importância. Na verdade, a exegese moderna mostrou que o título «auxílio» (*'ezer*), que aparece no Antigo Testamento por 21 vezes [= Génesis 2,18.20; Êxodo 18,4; Deuteronomio 33;7.26.29; Salmo 20,3; 33,20; 70,6; 89,20; 115,9.10.11; 121,1.2; 124,8; 146,5; Isaías 30,5; Ezequiel 12,14; Os 13,9; Daniel 11,34], é, na maioria dos casos, excetuadas as duas menções do Génesis, um título dado direta ou indiretamente a Deus, que é o verdadeiro «auxílio» do homem. Trata-se, em todos os casos, de um auxílio pessoal, e não instrumental, sendo mesmo um auxílio indispensável em situações de extremo perigo, não longe da fronteira que separa a vida e a morte. Qual é então o perigo que ameaça o homem em Gn 2,18? É certamente a solidão. É a verdadeira solidão chama-se coisificação. Sim, o homem pode perder-se no meio de objetos, coisificando também Deus e os outros. É Deus normalmente o auxílio do homem. A mulher surge na mente de Deus com o título grande de «auxílio» do varão, assim como o varão é o «auxílio» da mulher, e qualquer ser humano deve ser o «auxílio» de outro ser humano. Está assim desvendado o estranho uso, neste contexto, do masculino *'ezer*.

Por sua vez, a expressão *k'negdô* assenta na preposição *neged* [= ao lado de, diante de, contra], mas remete ainda para o hiphil *higgîd* [= narrar], e, portanto, para um sujeito de palavra, deixando entrever que o «auxílio» que Deus se propõe fazer seja alguém que saiba estar «ao lado de» alguém, não de forma tirânica e prepotente, mas apto para a doçura da palavra.

É então que, de um lado (*tsela'*) do ser humano, Deus «constrói» (*banah*) a mulher (*'ishshah*) (Génesis 2,22). O texto diz tudo. Sendo um lado, fica logo dito que a mulher e o homem, juntos, são dois lados, que formam uma unidade, como os dois lados de uma porta ou de uma janela. Não se pode destruir um sem destruir também o outro. Por outro lado, ao usar o verbo «construir» (*banah*) para a mulher, fica já igualmente dito, por assonância, o mundo da mulher: «filhos» (*banîm*), «casa» (*bêt*). Quanto a *'ishshah*, é simplesmente o feminino de *'ish*.

Ainda que não tenhamos reparado nisso, tivemos de esperar até agora, para ouvirmos pela primeira vez a voz humana a ecoar no cenário da criação. É significativo que tal suceda para o homem expressar o seu alvoroço de noivo, saudando extasiado a mulher-noiva com a expressão familiar «osso dos meus ossos e carne da minha carne» (Génesis 2,23), primeiro canto de amor e ao amor que se encontra nas páginas da Bíblia. O

relato da aparição da mulher não deve fazer esquecer que é relatada, em estreito paralelismo, a aparição da linguagem.

E porque são o auxílio um do outro, o lado um do outro, identificando-se um pelo outro (veja-se o jogo de *'ish* e *'ishshah*), «o homem (*'ish*) deixará o seu pai e a sua mãe, e se unirá amorosamente à sua mulher (*'ishshah*), e serão [os dois] uma só carne» (Gênesis 2,24). Convenhamos que a expressão é insólita! No sistema patriarcal, é a mulher, e não o homem, que deixa a sua família para se unir ao seu marido. Mas o insólito serve aqui talvez para realçar a grande força do amor, e para mostrar que é só outro amor, e só ele, que pode separar do primeiro amor, o amor dos pais. De resto, o texto não pretende, com certeza, fazer qualquer referência a um sentido matriarcal, mas quer sobretudo acentuar que são os dois a deixar um amor anterior, porque encontraram um amor mais forte. «Forte como a morte o amor!» (Cântico dos Cânticos 8,6). Inegociável o amor. Não separe o homem o que Deus uniu.

Mas há, porventura, outra temática que se insinua em filigrana nesta expressão: a temática do único eleito, abençoado e portador de bênção para todos os povos, peregrino da liberdade, chamado a deixar-se transformar em «outro homem». De facto, o relato de Abraão abre com a interpelação do Senhor para uma viagem transitiva e intransitiva (*lek-^hka*), para deixar a sua terra e a sua parentela e ir... (Gênesis 12,1-3). É paradigmático que Abraão deixe a casa paterna. É nessa estrada que é colocado *Adam*, o pai da humanidade, e a inteira humanidade consigo. Mas também os primeiros reis pisam essa estrada. É assim que Saul vai da casa do seu pai à procura das jumentas perdidas (1 Samuel 9,3), e acaba por ser ungido rei (1 Samuel 10,1), sendo transformado em um «homem outro» (*'ish 'aher*) (1 Samuel 10,6), com um «coração outro» (*leb 'aher*) (1 Samuel 10,9). E também David anda fora de casa, quando Samuel o procura para o ungir como rei (1 Samuel 16,11-13). E também a amada do Cântico dos Cânticos, símbolo de Israel e da inteira humanidade amada e desposada por Deus, é mandada entrar na estrada de Abraão, mediante aquele «Vai para ti» (*^hkî-lak*) (Cântico dos Cânticos 2,10). Em jogo está a verdadeira vocação-missão de alteridade, sendo que a alteridade bem compreendida implica outra maneira de compreender, outro coração, portanto. Esta é certamente a grande temática já instalada no texto fundacional de Gênesis 2,24. A não ser assim, nem o texto faz sentido, pois não se vê bem como é que este primeiro homem, modelado da terra, possa deixar o seu pai e a sua mãe!

Sim, as 45 palavras hebraicas do salmo 128 enchem-nos de paz, luz, serenidade. Respira-se também a fragrância da videira e a juventude da oliveira. Mas a família cantada neste Salmo não está fechada sobre si mesma, mas aberta à comunidade por Deus abençoada. Portanto, do perímetro da casa e da mesa em que vivem e se sentam pais e filhos, avista-se e sente-se a paz da Cidade Santa, Jerusalém. Não é de admirar que a tradição judaica tenha sabido extrair deste Salmo as «sete bênçãos para as núpcias». Saboreemos o perfume deste extrato: «Bendito, ó Senhor, que concedeste ao esposo e à esposa júbilo, canto, gozo, alegria, amor, paz, fraternidade e amizade. Possam depressa e para sempre, ó Senhor, ressoar gritos de gozo em Jerusalém, cidade santa. Possa levantar-se, cheia, a voz jubilosa do esposo e da esposa e os coros gozosos de quem os acompanha na sua alegria. Bendito és tu, Senhor, que alegras o esposo com a sua esposa!».

E assim também com aquele que incarnou no nosso mundo, que deu a sua vida por nós, e sacerdotalmente nos santifica, e não se envergonha de nos chamar seus irmãos. É assim a homilia da Carta aos Hebreus que hoje iniciamos (2,9-11).

D. António Couto